

RESENHA – REVIEW – RESEÑA**AS DOENÇAS DO HOMEM NORMAL****THE DISEASES OF THE NORMAL MAN****LAS ENFERMEDADES DEL HOMBRE NORMAL**

Por : **Ana Cristina Costa Lima**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestrado em Saúde Pública e graduação em Psicologia.

LE BLANC, Guillaume. **Les maladies de l'homme normal**. Paris: J. Vrin, 2007. 235p.

Guillaume Le Blanc, em *Les maladies de l'homme normal* (As doenças do homem normal) propõe-se a um debate sobre o desejo da norma e o sofrimento do ser humano. Parte de uma convicção de que existem diversas normalidades e que a norma admite desvios.

Por meio da psicanálise explica a formação do sujeito submetido a uma normatividade social. A criança se torna um sujeito na dinâmica entre inconsciente, eu e supereu. Essa dialética traz em si um desejo contra a norma. Desse modo, a normalidade teria sua origem em uma violência inicial na formação do eu e o homem normal seria um normopata, um homem doente da norma.

Pergunta-se, então, o autor, onde está esse ser humano normal: não existe. A normalidade é simplesmente um padrão que não é ninguém e exige de cada um e de todos uma busca do modelo que se configura entre uma norma majoritária e uma norma minoritária, sendo que esta se expressa nas experiências de desprezo social destinadas a alguns grupos e indivíduos excluídos.

As operações de formação do si-mesmo se dariam por meio do assujeitamento, que compreende a subjetivação, e da individuação, o que nos coloca diante de um paradoxo, pois como pode, ao mesmo tempo, um sujeito ser subjetivado e processar uma individuação. Essa complexidade do ser da norma se expressa e se explica no espaço de articulação entre um sujeito real e um sujeito exemplar.

A clínica do sofrimento do homem normal se desenvolve e tem sentido nos interstícios entre normal e patológico. E é por meio desse estudo que assume “o risco de procurar basear a significação fundamental do normal por meio de uma análise filosófica da vida compreendida como atividade de oposição à inércia e à indiferença (CANGUILHEM, 2006: 198)”¹. E é nessa busca filosófica que Le Blanc nos proporciona um aprofundamento, na esteira dos conceitos de normalização, na matéria da clínica do sofrimento psíquico e na compreensão do homem comum e atípico. Para o autor, a clínica não é propriamente ou unicamente um construtor de normalidade; ela sustenta uma referência do estado normativo, o que a torna algo difícil, complexo.

Se existe um homem típico, este está inserido em uma sociedade de instituições disciplinares, como nos apresentou Foucault, que lhe ensina a esforçar-se em cumprir as normas, seja no trabalho, nas escolhas de lazer, na constituição familiar, nos modos de entender as relações humanas e os próprios direitos e os dos outros. Novas questões e paradoxos se apresentam, pois se as normas, pela disciplinarização, promovem subjetividades e assujeitamento, promovem também a autonomia, que parece ser uma ilusão própria de uma sociedade da comunicação, própria do homem normal.

Por meio desses meandros e de um círculo sem fim, percorremos no livro uma discussão ora tendendo à psicologia e psicanálise, ora tendendo à filosofia, não propriamente em busca de respostas, mas principalmente situando a nós próprios como um sujeito normal. Le Blanc situa a autonomia e a disciplina não como opostas, mas como duas vertentes normativas na construção do homem típico (LE BLANC, 2007: 49).

O ser humano não típico se expressa por normas minoritárias, inserido em situações sociais ou psíquicas, escolhidas ou impostas; não se adapta à normalidade, não se encaixa a uma norma majoritária. “*La frontière de la loi est alors une frontière entre être social et non-être social* « (LE BLANC, 2007: 52)”².

¹ CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. SP/RJ: Forense Universitária. 2006.

² A fronteira da lei é, nesse caso, uma fronteira entre ser social e não-ser social (tradução livre).

Entre os grandes normatizadores está o mundo do trabalho. O ser humano adulto constrói sua vida referenciada pela normatividade do trabalho, seja quando tem um, seja no desemprego ou na exclusão pela miséria ou por discriminação social. O autor, nesse ponto, utiliza-se em grande parte do conhecimento da psicologia, e não poderia deixar de citar Christophe Dejours, entre outros.

O autor analisa o adoecer do homem normal, que sofre de uma angústia que não reconhece em si-mesmo, por ser um sujeito que se reconhece pela exterioridade da norma, pelo próprio desejo da norma. No entanto, o sofrimento psíquico é condição da vida psíquica, em uma instabilidade dinâmica permanente e dessa angústia da norma, poderia se efetivar uma individuação, em um caminho de alteridade do sujeito. Essa seria a função da clínica do sofrimento e é efetivamente em algumas psicoterapias.

C'est pourquoi une clinique de la souffrance psychique ne peut pas consister simplement à soulager l'individu en lui donnant les moyens de se réadapter aux normes en vigueur dans une société. Elle n'est pas une technique de réadaptation mais plutôt un protocole d'aide, émergeant de l'intérieur d'une souffrance, destiné à soutenir à nouveau une créativité de la vie psychique et ainsi à susciter les conditions d'une vie non pas normale mais d'une vie pouvant être menée dans les normes mêmes que la vie psychique est parvenue à créer, à partir de son attachement à des normes enfin assumées mais aussi des devenirs créateurs désormais désirés.³

Se a adaptação é uma condição para o assujeitamento, é também uma condição para a criatividade, pois a vida psíquica está relacionada ao pertencimento a um grupo. O sofrimento é intrínseco à vida e ao ser isso reconhecido está dado um passo para a possibilidade de se resgatar ou até preservar a criatividade.

Uma marca em seu texto é a visão aberta às mudanças, ou melhor, às possibilidades de mudança que o homem normal pode empreender e também a afirmação das possibilidades da clínica do sofrimento, em especial na psicanálise e em algumas linhas de psicoterapia. Por outro lado, Le Blanc nos lembra a exclusão social e, sem dúvida, o tema lhe é tão marcante, que viria a ser o de seu próximo livro, como poderemos conferir no elenco de suas principais publicações.

³ É por isso que uma clínica do sofrimento psíquico não pode consistir, simplesmente, em aliviar o indivíduo em si, dando-lhe os meios de se readaptar às normas em vigor em uma sociedade. Ela não é uma técnica de readaptação, mas, sobretudo, um protocolo de ajuda, emergindo do interior de um sofrimento, destinado a sustentar novamente uma criatividade da vida psíquica e, também, suscitar, não as condições de uma vida normal, mas de uma vida que mesmo que guiada dentro das normas, consiga criar, a partir de sua relação com as normas enfim assumidas e assim tornar-se criativo, de agora em diante algo desejado (tradução nossa).

O livro é importante para os leitores e estudiosos em ciências humanas e ciências da saúde, que se interessam pela compreensão de sociedade disciplinar, em Foucault, e pelo pensamento de Canguilhem sobre o normal e o patológico. Le Blanc nos faz percorrer os fios de construção de seu conhecimento, desvendando os meandros conceituais, antes de citar o autor, como Freud, Foucault, Deleuze, Guattari ou Butler, Pierre Fédida ou Althusser, entre outros. Como em uma obra literária de ficção, o leitor vive o prazer da descoberta “das personagens”, muitas vezes áridas no discurso filosófico. Ao livro não se reserva um lugar somente nas estantes especializadas, pois é também acessível àqueles que desejam se aprofundar na compreensão do ser humano e seu sofrimento.

Guillaume Le Blanc é professor de Filosofia na Université Michel de Montaigne Bordeaux 3 (<http://www.ciepfc.fr/spip.php?article89>, em 28/05/2010) e entre seus livros, podemos citar: *Canguilhem et les normes* (1998), *La vie humaine* (2002), *L'esprit des sciences humaines* (2005), *La pensée Foucault* (2006), *Vies ordinaires, vies précaires*(2007); como organizador, participou da edição de *Lectures de Canguilhem, "Le normal et le pathologique"* (2000) e *Michel Foucault au Collège de France : un itinéraire* (2003), com Jean Terrel. O livro *Les maladies de l'homme normal* foi publicado em 2004 e reeditado em versão mais longa em 2007. Não há tradução de nenhum de seus livros para o português.

No mês de junho de 2010, o autor veio pela primeira vez ao Brasil para proferir duas conferências, uma na Universidade de São Paulo - USP e outra na CPFL Cultura de Campinas, SP (<http://www.cpficultura.com.br/evento/campinas/15-06-10/luz-na-crise-vida-pode-ser-fora-das-normas-guillaume-le-blanc>, em 28/05/2010).

Resenha:

Recebido em: 28/05/2010

Aceito em: 30/06/2010